

TEATRO E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE CRISE: A RESPONSABILIDADE COM O MUNDO E COM AS CRIANÇAS

THEATER AND EDUCATION IN TIMES OF CRISIS: RESPONSABILITY TO THE WORLD AND TO CHILDREN

João Vítor Zanato de Carvalho RIBEIRO¹

Orientação: Suzana Schmidt VIGANÓ²

RESUMO

À luz dos escritos de Hannah Arendt e Julio Groppa Aquino, o presente ensaio propõe-se a refletir sobre o binômio teatro-educação em tempos de crise, principalmente devido à pandemia do Covid-19. A questão da responsabilidade do professor com o mundo e com as crianças surge como uma das mais importantes defesas em meio ao caos e ao apagamento contemporâneos.

Palavras-chave: Teatro e Educação, *amor mundi*, *educação pelo arquivo*, crise, responsabilidade.

ABSTRACT

In the light of the writings of Hannah Arendt and Julio Groppa Aquino, this essay proposes to reflect on the theater-education binomial in times of crisis, mainly due to the Covid-19 pandemic. The problem of the teacher's responsibility to the world and to children emerges as one of the most important defenses in the midst of contemporary chaos and obliteration.

Key words: Theater and Education, *amor mundi*, *archive education*, crisis, responsibility.

1 João Vítor Zanato é licenciando em Artes Cênicas pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). E-mail: joaovzanato@usp.br.

2 Suzana Schmidt Viganó é professora do Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (CAC-ECA/USP). E-mail: suzanaschmidt21@usp.br.

TEATRO E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE CRISE: A RESPONSABILIDADE COM O MUNDO E COM AS CRIANÇAS

PRÓLOGO: a crise

*eu vivo no Brasil
e isso é muito
para se ter em um corpo
(Jessica Stori)*

Brasil 2020. Crise ética. Crise política. Crise sanitária. Crise humanitária. Pandemia. Mais de 3 milhões e 627 mil infectados por Covid-19 no país³. Mais de 115 mil mortos. 115 mil pessoas dizimadas. 115 mil vidas. *E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?*⁴. Um governo com traços de desumanidade. *Não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar*⁵. Fome. Miséria. Mortes.

Professores sobrecarregados com toneladas de trabalho a ser desenvolvido em casa. Ensino à distância. Internet. Virtual. Acesso (ou a falta dele). Cobranças, sobrecargas. Profissão desvalorizada. Ofício combatido. Apagamento. Um país sem memória. Um país caduco. Sem passado. Sem história. *É só espuma / O caos, a lama*⁶. Modus operandi do mundo atual: crise. Vivemos em crise. Reflitamos, portanto, sobre ela e sobre o que nos é revelado em momento de crise.

No texto “A crise na educação”, Hannah Arendt (2016) reflete, entre outros aspectos, sobre a educação, o mundo e a crise. Segundo a autora, em toda crise há a queda de fachadas e o esfacelamento do senso comum. A autora ainda pontua que a crise não é intrinsecamente algo “negativo”, pois proporciona uma oportunidade de “explorar e investigar a essência da questão em tudo aquilo que foi posto a nu” (ARENDR, 2016, p. 222), já que

dilacera fachadas e oblitera preconceitos [...]. O desaparecimento de preconceitos significa perdermos as respostas em que nos apoiávamos de ordinário sem querer perceber que originariamente elas constituíam respostas a questões. Uma crise nos obriga a voltar às questões mesmas e exige respostas novas ou velhas, mas de qualquer modo julgamentos diretos. Uma crise só se torna um desastre quando respondemos a ela com juízos pré-formados, isto é, com preconceitos. Uma atitude dessas não apenas aguça a crise como nos priva da experiência da realidade e da oportunidade por ela proporcionada à reflexão. (ARENDR, 2016, p. 222-223)

³ Dados sobre casos e mortes de coronavírus no Brasil até 24/08/2020. Fonte: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/08/24/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-24-de-agosto-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>>. Acesso em: 25/08/2020.

⁴ Declaração dada, no dia em que o Brasil ultrapassou o número de 5 mil mortes por Covid-19, pelo presidente da República, Jair Bolsonaro. Fonte: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 22/05/2020.

⁵ Frase dita por Jair Bolsonaro à imprensa durante a pandemia. Fonte: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52205918>>. Acesso em: 22/05/2020.

⁶ Versos da canção “Golpista”, da banda goiana Carne Doce. Fonte: <<https://www.letras.mus.br/carne-doce/golpista/>>. Acesso em: 22/05/2020.

O fator, portanto, que torna a crise um desastre é a não reflexão e as respostas dadas apoiadas em preconceitos. Não há respostas pré-concebidas. Não há soluções mágicas pré-fabricadas. No Brasil, em momento de crise, vemos, lamentavelmente, um governo pouco preocupado em refletir, reavaliar e engendrar formas de se responder aos problemas novos – e urgentes – que nos surgem. A ética perde lugar para a barbárie. Minimiza-se o sofrimento. O mundo nos relembra, constantemente: *memento mori*. Lembre-se de que você é mortal. Definitivamente, grande parcela do país não encara com dignidade os que morrem aos montes, dizimados por um vírus. Dizimados, também, pelo descaso governamental.

O mundo é assolado pela pandemia do Covid-19. A crise ocorre em diferentes localidades. Mesmo que se possa pensar num aspecto global da referida crise provocada pelo surgimento do novo coronavírus, não se pode reduzir o caso do Brasil a um conjunto de elementos universais referentes à crise do Covid-19, por exemplo, pois há especificidades no horror disseminado em terras brasileiras. Arendt, certa, afirma: “Em toda crise, é destruída uma parte do mundo, alguma coisa comum a todos nós.” (ARENDR, 2016, p. 227). Parece um tanto ilusório pensar que, quando a pandemia acabar, o mundo será o mesmo. Não será. Nossas fachadas foram dilaceradas.

Resta, ainda (e não poderia ser diferente), a dúvida: o que será do mundo pós-pandemia? O que será da humanidade? E, ainda mais, o que será do Brasil e de seus brasileiros, filhos tão negligenciados pela pátria-mãe que não parece ser nada gentil, mas, sim, profundamente hostil? As respostas não são nada óbvias. Um apontamento, talvez, seja a reflexão em torno da ideia de “humanidade”. Quais valores devem ser cultivados na luta pela não destruição total do mundo, mundo comum (que é um profundo artefato humano, como nos lembra, sempre, Arendt)?

ATO: a carta-suicídio

Me desculpem, mas não deu mais. A velhice neste país é o caos como tudo aqui. A humanidade não deu certo. Eu tive a impressão que foram 85 anos jogados fora... num país como este. E com esse tipo de gente que acabei encontrando.

Cuidem das crianças de hoje!

Flávio⁷

Como se a situação atual do país não pudesse ficar mais triste, fomos solapados pela notícia do suicídio de Flávio Migliaccio, um dos maiores atores brasileiros, que nos deixou aos 85 anos, não sem antes deixar uma pulsante carta final. Um desabafo de lamento, decepção e preocupação. Flávio tem importância para a cena artística nacional cuja dimensão é impossível calcular. Homem de teatro, com consagrada trajetória nos palcos, na televisão e no cinema, Migliaccio fez parte do importantíssimo Teatro de Arena⁸, sendo responsável pela consagração dos tipos nacionais, trazendo, com toda a força, o homem brasileiro para os nossos palcos.

⁷ Carta deixada pelo ator brasileiro Flávio Migliaccio, ao cometer suicídio em 04/05/2020. Fonte:

<<https://revistaforum.com.br/cultura/ator-flavio-migliaccio-se-suicidou-e-deixou-carta-a-humanidade-nao-deu-certo/>>.

Acesso em: 20/05/2020.

⁸ Teatro de Arena foi um dos mais importantes grupos teatrais brasileiros das décadas de 1950 e 1960.

Flávio se despediu gritando que a velhice “é o caos como tudo aqui”. Triste o descaso que vem sendo perpetrado no trato com os mais velhos, representantes do mundo. As coisas perdem o brilho de forma muito acelerada. Numa lógica consumidora, tornam-se obsoletas, inúteis, descartáveis. Zygmunt Bauman, em entrevista à Alba Porcheddu, afirma: “A capacidade de durar bastante não é mais uma qualidade a favor das coisas. Presume-se que as coisas e as relações são úteis apenas por um ‘tempo fixo’ e são reduzidas a farrapos ou eliminadas uma vez que se tornam inúteis.” (PORCHEDDU, 2009, p. 663).

Flávio Migliaccio nos apontou, em sua carta, que a “humanidade não deu certo”. Onde erramos? Que valores foram sendo negligenciados, esquecidos, apagados, soterrados? O que foi deixado no passado para fazer valer um ideário que preconiza o olhar sempre para frente, ao buscar “ser leve”? A última frase de Flávio é um alerta e, acima de tudo, um pedido aos adultos: “Cuidem das crianças de hoje!”. Chegamos aqui em um ponto crucial da reflexão que este ensaio pretende fomentar: o cuidado com as crianças e o cuidado do mundo, seguindo os rastros do que defende Arendt (2016).

Para a filósofa, a marca distintiva da educação é o fato da natalidade, isto é, a chegada dos novos a um mundo velho. “O mundo no qual são introduzidas as crianças [...] é um mundo velho, isto é, um mundo preexistente, construído pelos vivos e pelos mortos, e só é novo para os que acabaram de penetrar nele” (ARENDR, 2016, p. 226). Ela continua:

A educação está entre as atividades mais elementares e necessárias da sociedade humana, que jamais permanece tal qual é, porém se renova continuamente através do nascimento, da vinda de novos seres humanos. Esses recém-chegados, além disso, não se acham acabados, mas em um estado de vir a ser. Assim, a criança, objeto da educação, possui para o educador um duplo aspecto: é nova em um mundo que lhe é estranho e se encontra em processo de formação; é um novo ser humano e é um ser humano em formação. (ARENDR, 2016, p. 234-235).

Cabe ao professor, desta forma, assumir a responsabilidade pelas crianças (jovens), cuidando para que elas sejam introduzidas, aos poucos, no mundo, já que o adulto é, na relação com o jovem, o representante desse mundo em contínua transformação, pelo qual deve, também, assumir a responsabilidade. Arendt esclarece:

Na medida em que a criança não tem familiaridade com o mundo, deve-se introduzi-la aos poucos a ele; na medida em que ela é nova, deve-se cuidar para que essa coisa nova chegue à fruição em relação ao mundo como ele é. Em todo caso, todavia, o educador está aqui em relação ao jovem como representante de um mundo pelo qual deve assumir a responsabilidade, embora não o tenha feito e ainda que secreta ou abertamente possa querer que ele fosse diferente do que é. Essa responsabilidade não é imposta arbitrariamente aos educadores; ela está implícita no fato de que os jovens são introduzidos por adultos em um mundo em contínua mudança. Qualquer pessoa que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças, e é preciso proibi-la de tomar parte em sua educação. (ARENDR, 2016, p. 239).

Para tomar parte da educação de uma criança, faz-se mais que necessário que se assuma a responsabilidade coletiva pelo mundo. Tal postura de *amor mundi* (ARENDR, 2016) parece cada vez mais assustar aqueles que estão chegando – ou mesmo aqueles que já se encontram em atuação – no ofício docente. Parece-me haver uma espécie de recusa a assumir compromissos de longo prazo, tal como esse “juramento” de *amor mundi*. O ideário deste tempo nos indica que o fato de se assumir qualquer compromisso duradouro é algo completamente ultrapassado, velho, tendo que ser, portanto, descartado. Bauman destaca essa característica do *mundo líquido moderno*:

No mundo líquido moderno, de fato, a solidez das coisas, tanto quanto a solidez das relações humanas, vem sendo interpretada como uma ameaça: qualquer juramento de fidelidade, compromissos a longo prazo, prenunciam um futuro sobrecarregado de vínculos que limitam a liberdade de movimento e reduzem a capacidade de agarrar no voo as novas e ainda desconhecidas oportunidades. A perspectiva de assumir uma coisa pelo resto da vida é absolutamente repugnante e assustadora. E dado que inclusive as coisas mais desejadas envelhecem rapidamente, não é de espantar se elas logo perdem o brilho e se transformam, em pouco tempo, de distintivo de honra em marca de vergonha. (PORCHEDDU, 2009, p. 662)

Apesar do modelo neoliberal hegemônico em nosso mundo e da lógica dominante do consumo e do descarte, cabe a nós, educadores, a postura de trilharmos um caminho diferente, como defende Suzana Schmidt Viganó (2006, p. 20), em diálogo com Arendt:

Por que não acreditar que se pode construir um mundo que não sirva apenas ao nosso consumo imediato, mas também à pavimentação de um caminho para as gerações futuras? Hannah Arendt nos lembra que, para que o solo permaneça cultivado, é preciso trabalhá-lo continuamente. Começemos então a preparar a terra.

“Cultivo”: talvez seja essa uma das palavras norteadoras da prática docente. Ao pensarmos sobre as diferentes teorias presentes ao se estudar o campo da Filosofia da Educação, podemos encontrar pensadores que se preocupam com a formação do homem, bem como com a educação estética, algo fundamental ao pensarmos o binômio teatro-educação. É mister a defesa de uma educação estética, colocando-se em oposição à lógica do consumo excessivo que pauta uma sociedade bombardeada por um turbilhão de imagens, mas carente de experiências estéticas profundas.

Refletindo sobre a importância de uma educação estética, julgamos ser ainda importante dedicar atenção ao binômio “teatro-educação”. Não nos interessa aqui, nem de longe, estabelecer fronteiras estanques, tampouco erguer abismos entre um suposto fazer artístico-teatral “puro” e uma abordagem artístico-teatral dentro da perspectiva educacional. Maria Lúcia de Souza Barros Pupo, em seu texto “Além das dicotomias”, coloca o binômio em análise, buscando superar tal dicotomia, calcada na divisão estanque entre teatro e educação, divisão essa que serve para colocar o fazer artístico ocorrido dentro da perspectiva educacional em um patamar menor do que um dito “verdadeiro” teatro (PUPPO, 2015, p. 18). Devemos ter em mente, como nos indica a autora, que nossa questão essencial é “saber se e como o fazer e/ou fruir teatro podem contribuir para o crescimento de todo e qualquer indivíduo” (PUPPO, 2015, p. 19).

Dessa forma, defendemos a superação de tais dicotomias referentes ao binômio “teatro-educação”. A presença do teatro na educação é de suma importância – e para isso poderíamos discorrer sobre diversos aspectos. Contudo, basta-nos, neste momento, reforçar a defesa de Viganó (2006, p. 37):

No mundo contemporâneo, apesar do excesso de imagens que nos invadem dia a dia, a profundidade da experiência estética encontra-se pouco estimulada. A prática teatral surge então como uma possibilidade de resgate dessa experiência em sua maior amplitude. Ao trazer à tona o diálogo com o outro, a capacidade libertária de imaginação e criação, a resolução de problemas concretos que conduzem à produção de um discurso simbólico, o teatro abre as fronteiras para novas possibilidades de experiência humana e liberta a obra de arte de qualquer caráter funcionalista. Parte, ao contrário, para um encontro do homem com a sua condição de artífice na construção de mundos e de ator consciente no processo histórico.

Para além da atitude do professor no sentido de possibilitar aos seus alunos verdadeiras experiências estéticas, é necessário, ainda, algo mais. A relação do professor com o patrimônio cultural formulado pelos homens ao longo da história é muito cara para a reflexão final que queremos propiciar com este ensaio. Nossa defesa corrobora o que diz Hannah Arendt. Cabe ao professor, dessa forma, assumir responsabilidade pelas crianças e pelo mundo – mundo esse que é um artefato humano –, entendendo que “é de seu ofício servir como mediador entre o velho e o novo, de tal modo que sua própria profissão lhe exige um respeito extraordinário pelo passado.” (ARENDR, 2016, p. 244).

EPÍLOGO: o ofício docente

Depois caminha dentro da água de volta à praia. Não está caminhando sobre as águas – ah, nunca faria isso depois que há milênios já andaram sobre as águas – mas ninguém lhe tira isso: caminhar dentro das águas. Às vezes o mar lhe opõe resistência puxando-a com força para trás, mas então a proa da mulher avança um pouco mais dura e áspera. E agora pisa na areia. Sabe que está brilhando de água, e sal e sol. Mesmo que o esqueça daqui a uns minutos, nunca poderá perder tudo isso. E sabe de algum modo obscuro que seus cabelos escorridos são de um naufrago. Porque sabe – sabe que fez um perigo. Um perigo tão antigo quanto o ser humano.

(Clarice Lispector, trecho da crônica “Ritual” – posteriormente nomeada “As águas do mundo”)

O suicídio de Flávio Migliaccio e sua pulsante carta de despedida não podem ser ignorados. Sua súplica final – “Cuidem das crianças de hoje!” – ecoa em nossas mentes. Indiferença é o que de mais cruel poderíamos manifestar em resposta a tamanho ato. Entendemos que, por estarmos imersos em uma crise cada vez mais aguda e com proporções alarmantes (especialmente no caso brasileiro), é mister agarrarmos em algo que nos pertence, algo que devemos defender com unhas e dentes: o nosso legado cultural. Não podemos deixar que a lógica do apagamento destrua o mundo e nos condene a uma alienação consumista frenética desprovida de consciência histórica, desraigada de seu passado.

Defendemos que o professor assuma uma postura importante, que é o cultivo de um *amor mundi*, evocando mais uma vez, aqui, Hannah Arendt. Além disso, ele deve assumir a responsabilidade pelas crianças, seus alunos.

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum. (ARENDR, 2016, p. 247).

O professor é a figura responsável por trazer às aulas as vozes dos mortos, dos que vieram antes; é responsável por apresentar aos alunos – os mais jovens, recém-chegados no mundo – o legado de um mundo que pede mais uma vez para ter a chance de ser entoado novamente. Profundamente nutridos pelas reflexões de Julio Groppa Aquino, julgamos, por fim, ser importante defendermos uma *educação pelo arquivo*.

Arquivo, aqui entendido, como uma *rolling stone* ou, como quer Foucault (2014, p. 52), “a massa das coisas ditas em uma cultura, conservadas, valorizadas, reutilizadas, repetidas e transformadas. Em resumo, toda essa massa verbal que foi fabricada pelos homens, investida em suas técnicas e suas instituições, e que é tecida com sua existência e sua história”. (AQUINO, 2019, p. 162)

O arquivo, portanto, como “poeira do tempo” (AQUINO, 2019, p. 110) e um “murmúrio perpétuo” (AQUINO, 2019, p. 108). Dessa forma, a sala de aula seria, então, um espaço de convívio com os mortos:

Ensinar, ao gosto arquivístico foucaultiano, exige, portanto, um convívio intensivo com os mortos, a matéria única de uma aula que mereça seu nome, a fim de que nos constituamos como viventes igualmente dignos de um futuro que, não obstante, não será usufruído por nós. (AQUINO, 2019, p. 92)

Lidando com uma pedagogia de rastros, ele seria responsável por possibilitar aos seus alunos a degustação de uma justaposição de vozes, como lindamente escreve Aquino (2019, p. 161):

Degustar a melodia atonal provocada por essa justaposição de vozes consistiria em um direito pétreo dos viventes, caso alguém se dispusesse a ensiná-los a apreciar a beleza trágica contida em cada partícula deste largo mundo, o qual nada pede de nós, exceto a chance de ser entoado mais uma vez, e outra e outra. Aquele alguém chama-se professor.

O esforço empreendido aqui – de defesa de uma *educação pelo arquivo* e do cultivo de um *amor mundi* por parte do professor – não se coloca no sentido de ignorar a responsabilidade do estudante para o funcionamento do acontecimento educacional. É fato que os alunos não são receptores passivos, muito menos “páginas em branco”. Entretanto, o que se defende neste ensaio é a não recusa, por parte do professor, de assumir sua responsabilidade enquanto adulto pelos mais jovens envolvidos no acontecimento educacional. Uma das responsabilidades do professor é, inclusive, proporcionar uma ampliação das referências artístico-culturais dos estudantes.

Muitas vezes, no contexto escolar, as experiências cênicas e os jogos vivenciados ficam restritos às referências culturais já trazidas pelos alunos, que se pautam por seus interesses e por suas visões de mundo. As práticas acabam por ficar circunscritas no que já é conhecido de antemão pelos estudantes, existindo poucas oportunidades do contato com novas referências e com obras de um legado artístico-cultural. Cabe, então, a reflexão sobre o exercício da prática docente tendo em vista o alargamento das referências artístico-culturais dos alunos, numa perspectiva em que a educação é entendida como um inevitável e essencial diálogo intergeracional, abrindo os olhos para o que nos foi legado até aqui. Como diz a personagem de Valter Hugo Mãe, de seu livro *A desumanização* (2014), é o exercício de um gesto cuja mirada é proteger contra o esquecimento: “Queria proteger contra o esquecimento. A maior vulnerabilidade do humano, a contingência de não lembrar e de não ser lembrado”. Ou, como lembra Aquino (2019, p. 146), “Não há esquivas do passado. É preciso lembrar”.

O contato com as obras do mundo desloca o estudante de uma relação apenas embasada num presente cada vez mais mecânico, não duradouro e descartável. Através de tal contato, a relação com o presente é atravessada por passado e futuro – aquilo que nos foi legado e aquilo que fomos capazes, posteriormente, de construir com nossas próprias mãos. Ao colocar o aluno em contato com parte do legado artístico-cultural do mundo, o professor pode auxiliá-lo no processo de *uma educação do olhar* (RYNGAERT, 2009), passando a tecer relações outras com o mundo que nos rodeia:

[...] o exercício do novo olhar para a realidade, buscando as metáforas nela presentes, procura fazer que as pessoas, objetos, espaços e palavras sejam vistos sob uma ótica diferente da usual, libertando-as da prisão da monossemia e devolvendo a elas novos significados e sentidos de existir (SOLER, 2013, p. 91)

Esse processo de *educação do olhar* não se restringe a um único sentido: a visão. Ao trazer a postulação “olhar”, há um verdadeiro espraiamento para todos os sentidos, chegando ao posicionamento do sujeito sobre algo. É nesse ponto, mais uma vez, que nos identificamos com Marcelo Soler:

[...] o exercício do novo olhar para a realidade, buscando as metáforas nela presentes, procura fazer que as pessoas, objetos, espaços e palavras sejam vistos sob uma ótica diferente da usual, libertando-as da prisão da monossemia e devolvendo a elas novos significados e sentidos de existir (SOLER, 2013, p. 91)

Esse processo de *educação do olhar* não se restringe a um único sentido: a visão. Ao trazer a postulação “olhar”, há um verdadeiro espraiamento para todos os sentidos, chegando ao posicionamento do sujeito sobre algo. É nesse ponto, mais uma vez, que nos identificamos com Marcelo Soler:

[...] um olhar com olhos, ouvidos, pele e narinas, para a realidade, tentando perceber nela dados que em si são metáforas para entendê-la de maneira mais ampla. No contexto, o termo olhar se associa ao posicionamento do sujeito sobre algo, a visão que extrapola os domínios do próprio olho. As coisas não são, é justamente nosso olhar que faz delas algo cheio de significado. (SOLER, 2008, p. 37)

O diálogo entre professor e aluno é atravessado pelas vozes do mundo. Não é – e nunca será – uma tarefa fácil. Exige empenho, rigor e dedicação. Sobretudo, exige um profundo *amor mundi*. Além disso, o professor deve assumir responsabilidade pelos mais novos. O cuidado com a formação dos estudantes, através da apresentação do legado do mundo, é uma das tarefas mais belas do ofício docente. Não nos esqueçamos de nossos mortos. Não deixemos que o grito de Flávio Migliaccio ecoe no vazio. Deixemos, portanto, ressoar.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa. **Educação pelo arquivo: ensinar, pesquisar, escrever com Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2019.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MÃE, Valter Hugo. **A desumanização**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

PORCHEDDU, Alba. Zygmunt Bauman: entrevista sobre a educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 137, p. 661-684, 2009.

PUPPO, Maria Lúcia de Souza Barros. Além das dicotomias. In:..... **Para alimentar o desejo de teatro**. São Paulo: Hucitec, 2015. p. 17-22.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, representar**. São Paulo: Cosac Naif, 2009.

SOLER, Marcelo. Encenação: um espaço possível para a aprendizagem do espectador. **Trama interdisciplinar**, São Paulo, v.4 n.1, p. 88-98, 2013.

..... O espectador no teatro de não-ficção. **Sala Preta**, São Paulo, vol. 8, p. 35-40, 2008.

STORI, Jessica. **Carne e colapso**. Bragança Paulista: Urutau, 2020.

VIGANÓ, Suzana Schmidt. **As regras do jogo: a ação sociocultural em teatro e o ideal democrático**. São Paulo: Hucitec, 2006.